

Elogio da hospitalidade

O nosso lugar neste mundo é, e sempre foi, um ponto de passagem, uma linha de fronteira: entre o nascimento e a morte, a eternidade e o tempo, a palavra e o silêncio, a plenitude e o nada, o possível e o impossível, o encanto e o desencantamento, entre nós e os outros, o nosso espaço e outros espaços.

A nossa morada mais autêntica é o *espaço-entre*, nem o cá nem o lá, o espaço que medeia os bastidores e o palco, a penumbra situada entre uma luz e outra luz.

Habitamos esse lugar efêmero entre uma terra e outra terra, entre dois mundos diferentes, o lugar da casa ao lado da casa, que ainda não é a nossa casa, mas já é a nossa casa.

Somos migrantes e romeiros num chão que nos foge dos pés quando nele procuramos um porto de abrigo. Migrantes e mestiços nos espaços, no pensamento e na cultura, e também na arte e na religião, pois há sempre um mistério, algo "quase-sagrado", que se inspira e se expira, nesse entre e nesse meio.

É esse estar entre-espaços, é esse estar entre-tempos que nos torna vulneráveis: frágeis nas nossas certezas, frágeis nos braços do mundo, frágeis no encontro com os outros, frágeis nos jogos de poder. E estamos sempre a caminho: somos, mas ainda não somos; vemos, mas ainda não vemos; escutamos e queremos ter voz; mostramo-nos, mas continuamos sempre ocultos, escondidos, divididos, sempre em casa e fora de casa.

E somos um eu e um tu, estamos sempre em relação, em diálogo e movimento, mas num jogo permanente de aproximação e distância, de equilíbrio e tensão, de abraços e ruturas.

E o mundo, que é casa de todos, vai sendo palco de alguns, que ora nos abrem as portas, ora constroem os muros, ora definem fronteiras, ora libertam passagens. Como se a terra não fosse casa de todos os povos, sem donos, cercas ou muros, morada de todas as gentes, vida de todo o ser vivo.

Somos seres de passagem e movemo-nos na casa-mundo, aqui parando e ali, ora comendo e dormindo, ora mergulhando as mãos no suor dos trabalhos e da festa diária da vida.

Para definir o estranho que se torna nosso amigo, para acolher o distante que nos visita solícito, inventaram os antigos gestos e ritos de hospitalidade: porta aberta, água purificadora, roupa para vestir, mesa posta, pão e vinho e um leito para repousar.

Símbolo vem de uma palavra grega que significa coincidir: quando uma família recebia um hóspede, partia-se, na despedida, uma tabuinha, ficando hospedeiros e hóspedes com cada uma das partes. Se algum dia a visita se repetisse, mesmo com os descendentes, na casa de um ou de outro, juntar as duas tabuinhas, fazê-las coincidir, era o símbolo da amizade e da hospitalidade.

Cada rito é um símbolo de um gesto mais profundo no seu tom hospitaleiro: a mão que se estende ao outro, a palavra que se escuta, o olhar que se comunga na ternura do encontro. Mas o encontro só é fecundo se se aceitar que a diferença é a marca de cada rosto, a singularidade de cada ser e a música de cada povo nas voltas das suas danças.

O encontro não é uma assimilação de identidades distintas a uma identidade comum e dominante. Podemos querer a pura identidade, podemos habitar a diferença em movimento. A identidade pura é a esfera indistinta da coincidência de todos com todos: por isso, é monocêntrica na sua configuração e nas suas manifestações e cria distâncias em relação ao estranho ou ao estrangeiro pela paixão de replicação de si próprio. A diferença em movimento é o caleidoscópio das cores: policêntrica nas suas dinâmicas e nas suas expressões, estabelece pontes, inventa caminhos para percorrer o desconhecido e faz da abertura ao novo o seu modo de ser e de estar no mundo. Se a identidade é xenófoba, a diferença é xenófila; se a identidade só faz de si próprio a morada de si próprio, a diferença faz de si próprio a morada do outro, e do outro também morada de si.

A outra face da diferença é a hospitalidade. E a hospitalidade é uma ética do cuidado.

Higino, escritor romano, conta, numa das suas fábulas, que foi o deus Cuidado que formou o homem a partir do húmus fazendo-o humano, e é, por isso, ao Cuidado que compete zelar por ele na sua frágil existência. Hospitalidade é cuidado e cuidado é hospitalidade. Uma hospitalidade universal e sem condições. Capaz de acolher e receber incondicionalmente o outro.

Se o ser humano é hospitalidade, o ser humano é cuidado. Cuidado como o que se tem com o recém-nascido, no seu berço materno. Cuidado que se deve ter com qualquer outro, nosso igual, nosso diferente. Cuidado com os velhos que caminham na curva da idade. Cuidado com as mulheres e as crianças. Cuidado com os estrangeiros. Cuidado com tudo e todos. Fazendo em nós, pela hospitalidade, a casa dos outros. Aninhando-nos nos outros, pela hospitalidade, como se fossem a nossa casa. Uma hospitalidade que é razão e emoção, que é corpo, espírito e mente, que é pensamento e afeto. Uma hospitalidade que é amor.

Cuidado e hospitalidade no espaço-entre, na passagem, na fronteira e na margem, em que, humanos, todos somos estrangeiros, todos somos símbolos uns dos outros, todos somos hóspedes da Casa-Mundo, Casa-Mãe, que é a Terra, de todos e de ninguém. Casa de Hospitalidade.

Paradela da Cortiça, outubro de 2021

João Maria André